

LÚCIA *

(Alf. de Musset – 1860)

Nós estávamos sós; era de noite;¹
Ela curvara a fronte, e a mão formosa,
Na embriaguez da cisma,
Tênuê deixava errar sobre o teclado;
5 Era um murmúrio; parecia a nota
De aura longínqua a resvalar nas balsas²
E temendo acordar a ave no bosque;³
Em torno respiravam as boninas⁴
Das noites belas as volúpias mornas;
10 Do parque os castanheiros e os carvalhos
Brando⁵ embalavam orvalhados ramos;
Ouvíamos a noite; entrefechada,
A rasgada janela
Deixava entrar da primavera os bálsamos; →

* Este poema ocorre em CRIS1864 (p. 27-30), em PC1953 (p. 86-88), em OCA1959 (v. III, p. 195-196), em PCEC1976 (p. 174-176), em OCA1994 (v. III, p. 187-188), em MACV1998 (p. 26-33), em CHRYS2000 (p. 30-32), em TPCL (p. 27-29), em PCRR (p. 293-294) e em OCA2015 (v. 3, p. 599-601). Texto-base: CRIS1864. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

¹ era de noite;] era noite; – em PCRR.

² balsas] balças – em OCA1959, em OCA1994 e em MACV1998. A grafia “balça” dá um sentido preciso à palavra, deixando inequívoca a referência à vegetação. A palavra, no entanto, pode ser grafada com “s”, “balsa”, forma que tem diversos significados, tanto pode significar “jangada ou uma embarcação de fundo chato”, como “cerca viva ou canteiro de jardim”. Evidentemente, no contexto do poema, o sentido é o de “balça”. A palavra traduz o francês “roseaux”. O *Dicionário de língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, não traz “balça”, mas apenas “balsa”.

³ Este verso apresenta uma justaposição de sílabas tônicas: a sexta e a sétima são acentuadas, e o artigo “a”, que precede a palavra “ave” deve ficar absorvido na vogal inicial dela, para que o verso tenha a medida certa. Portanto, prevalece o acento da sílaba final de “acordar”, o que obriga à diástole em “ave”. Essa evidência contraria o princípio enunciado por Said Ali, em sua *Versificação portuguesa* (1948). Diz ele: “Quando [...] colidem duas sílabas fortes de vocábulos diferentes, sem pausa separativa, atenua-se a intensidade da primeira, que terá valor de sílaba fraca.” (ALI, 1948, p. 13)

⁴ boninas] boninas, – em PCRR.

⁵ Brando] Branco – em OCA1994. Observe-se a derivação imprópria: “brando”, adjetivo, está por “brandamente”, advérbio.

- 15 A várzea estava erma e o vento mudo;
Na embriaguez da cisma a sós estávamos,
E tínhamos quinze anos!
- Lúcia era loura e pálida;
Nunca o mais puro azul de um céu profundo
20 Em olhos mais suaves refletiu-se.
Eu me perdia na beleza dela,
E aquele amor com que eu a⁶ amava – e tanto! –
Era assim de um irmão o afeto casto,
Tanto pudor nessa criatura havia!
- 25 Nem um som despertava em nossos lábios;
Ela deixou as suas mãos nas minhas;
Tíbia sombra dormia-lhe na frente,
E a cada movimento – na minh’alma
Eu sentia, meu Deus, como fascinam
30 Os dous⁷ signos de paz e de ventura:
Mocidade da frente
E primavera d’alma.
A lua levantada em céu sem nuvens
Com uma onda de luz veio inundá-la;
35 Ela viu sua imagem nos meus olhos,
Um riso de anjo desfolhou nos lábios
E murmurou um canto.

.....

Filha da dor, ó lânguida harmonia!
Língua que o gênio para amor criara –
40 E que, herdada⁸ do céu, nos deu a Itália!
Língua do coração – onde alva ideia,
– Virgem medrosa da mais leve sombra, –
Passa envolta num véu e oculta aos olhos! →

⁶ A medida do verso obriga à absorção deste pronome, “a”, na vogal inicial de “amava” – fato que prejudica o entendimento do verso, quando enunciado oralmente, já que “apaga” o objeto do amor. Não deixa isso de ser um defeito. Ver complementação desta observação na nota 9, ao verso 50, em que ocorre o mesmo fenômeno.

⁷ dous] dois – em PC1953, em OCA1959, em PCEC, em OCA1994, em MACV1998, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. O ditongo “ou” tem sido grafado “oi”, nas palavras “dous” e “cousa”, rotineiramente, nas edições que se fazem hoje em dia. Entretanto, quando editamos, para o *Almanaque de Ciência Política* (disponível em <<http://periodicos.ufes.br/almanaque/issue/view/744>>), o texto de “O velho Senado”, verificamos que na primeira edição, na *Revista Brasileira* (1898), predomina a grafia “coisa”, ocorrendo “cousa” apenas uma vez, em situação de ênfase. Quando o texto foi incluído em *Páginas recolhidas* (primeira edição em 1899 e segunda em 1900), a grafia foi uniformizada, dando-se preferência à variante “cousa”. Sabemos que o livro é veículo prestigiado – donde poderemos pensar que a variante “cousa” era forma privilegiada na língua escrita (não necessariamente na língua falada).

⁸ herdada] herdara – em OCA1994.

45 Que ouvirá, que dirá nos teus suspiros
Nascidos⁹ do ar, que ele respira – o infante?
Vê-se um olhar, uma lágrima na face,
O resto é um mistério ignoto às turbas,
Como o do mar, da noite e das florestas!¹⁰

Estávamos a sós e pensativos.
50 Eu contemplava-a. Da canção saudosa¹¹
Como que em nós estremecia um eco.
Ela curvou a lânguida cabeça...
Pobre criança! – no teu seio acaso
Desdêmona gemia? Tu choravas,
55 E em tua boca consentias triste
Que eu depusesse estremecido beijo;
Guardou-o¹² a tua dor ciosa e muda:
Assim,¹³ beijei-te descorada e fria,
Assim, depois tu resvalaste à campa;
60 Foi, como¹⁴ a vida, tua morte um riso,
E a Deus voltaste no calor do berço.

Doces mistérios do singelo teto
Onde a inocência habita;
Cantos, sonhos d'amor, gozos de infante,
65 E tu, fascinação doce e invencível,
Que à porta já de Margarida, – o Fausto
Fez hesitar ainda,
Candura santa dos primeiros anos,¹⁵
Onde parais agora?
70 Paz à tua alma, pálida menina!¹⁶
Ermo de vida, o piano em que tocavas
Já não acordará sob os teus dedos!

⁹ Nascidos] Nascido – em PCEC1976 e em TPCL.

¹⁰ Em PCEC1976 não há espaço de separação de estrofe depois deste verso.

¹¹ Como no verso 22, neste verso o pronome “a”, que se refere a Lúcia, apaga-se prosodicamente por absorção no “a” final de “contemplava”. Se, por um lado, a ideia de absorção combina com o sentido do verbo, por outro, faz desaparecer da atenção do leitor, na leitura em voz alta, o objeto da contemplação.

¹² Guardou-o] Guardou-a – em CRIS1864, em PC1953, em OCA1959, em OCA1994, em CHRYS2000, em PCRR e em OCA2015.

¹³ Assim,] Assim – em CHRYS2000.

¹⁴ como] com – em OCA1994.

¹⁵ anos,] anos – em PC1953, em PCEC1976, CHRYS2000 e em TPCL.

¹⁶ Em OCA1994, este verso aparece ligeiramente deslocado para a direita, em relação à margem esquerda do texto. O deslocamento, entretanto, é bem menor do que o dos versos hexassílabos.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- CHRYS2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.
CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

- ALI, M. Said. *Versificação portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.
- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. *Machado de Assis & confrades de versos*. Org. John Gledson. São Paulo: minden, 1998.
- ASSIS, Machado de. *Chrysalidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.
- SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário de língua portuguesa*. Fac-símile da segunda edição (1813). Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1922.